

Mt 22,34-40 (O maior mandamento)

Os contemporâneos de Jesus estavam obrigados a seguir centenas de mandamentos, de prescrições e de proibições, as quais constituíam o caminho seguro para chegarem à vida eterna com Deus. Como Jesus relativizava com seu comportamento muitas dessas prescrições, a pergunta lhe foi dirigida carregada de malícia. Sua resposta sintetiza todos os mandamentos no amor a Deus e ao próximo que, propriamente, constituem um só mandamento, como irão afirmar posteriormente Paulo e João.

De qualquer modo a resposta de Jesus tem hoje grande atualidade. Primeiramente porque também a Igreja ensina e urge uma enorme quantidade de mandamentos, preceitos e normas a serem seguidas pelo católico em vista de sua salvação. Entretanto pela rapidez das transformações socioculturais que experimentamos em nossos dias, muitas normas, intocáveis no passado, se encontram menos valorizadas, relativizadas, ou até mesmo esquecidas. Certas práticas tradicionais, que identificavam os católicos anos atrás, não são mais observadas pelas novas gerações, sem que possamos condená-los sem mais como maus católicos. Entretanto para muitos a falta de referências religiosas estáveis ocasiona insegurança e ansiedade.

Aqui aparece já a enorme atualidade da resposta de Jesus aos fariseus. Ela oferece não só um referencial seguro que sintetiza e ultrapassa a justiça dos fariseus (Mt 5,20), mas revela também o que foi a vida do próprio Jesus Cristo, demonstrada em suas ações e explicitada em suas pregações. Atingimos assim o *núcleo* mesmo da fé cristã. Consequentemente tudo o que a Igreja nos oferece ou nos prescreve só tem sentido enquanto voltado para esta finalidade: tudo é meio, não fim.

Deste modo o que caracteriza o cristianismo não consiste tanto em doutrinas, ritos e normas, embora sejam úteis e até necessárias, mas a vivência do amor fraterno. Tocamos aqui no critério decisivo para avaliar nossa vida, como claramente manifestou Jesus (Mt 25,31-46). Neste ponto duas observações se impõem. O amor fraterno não é tanto um ato, mas um dinamismo que deve estimular nossos atos voltados para o próximo. Deste modo ele se concretiza em *tudo* o que nós fazemos, não motivados pelo egoísmo, mas praticados em vista dos outros. Portanto abrange toda a nossa vida familiar, profissional, social, cultural, sempre que nossas ações ultrapassem o círculo fechado do nosso egoísmo. Com outras palavras, a vida cristã não se restringe a atos religiosos. O amor fraterno, portanto, se situa no âmbito da intenção, da motivação, quaisquer que sejam suas concretizações.

A segunda observação é mais uma correção a ser feita. O amor fraterno não é propriamente um mandamento, pois a fonte do mesmo não é uma lei ou uma norma, e sim o próprio Espírito Santo, atuando em nosso interior. “O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, modéstia, autodomínio” (Gl

5,22). O cristão é templo do Espírito Santo, recebido no batismo, que o acompanha por toda a vida, inspirando-o nas encruzilhadas de sua caminhada e fortalecendo-o continuamente em seus passos. Como expressa claramente Paulo: “Se vivemos pelo Espírito, andemos também sob o impulso do Espírito” (Gl 5,25). Mas é preciso saber escutar o Espírito, criar condições para ouvi-lo, não temer o silêncio, tarefas nada fáceis na agitada vida moderna.

Toda a vida de Jesus Cristo foi uma vida de fidelidade ao Espírito, que o levou a viver toda sua existência para os demais, a convocar outros em seu seguimento para continuarem sua missão pelo Reino de Deus, e injetarem assim mais amor e justiça na sociedade. Ser cristão é colaborar nesta missão por uma vida descentrada de si mesmo e voltada para os outros, e experimentar o que significa viver com sentido, paz e alegria, mesmo em dias convulsionados como os de hoje.

MFM